

Incidência de homicídios por armas de fogo em Foz do Iguaçu, Paraná no período de 2000 a 2006

*Hellen Virgínia Coelho*¹
*Maria Cícilia Nami*²
*Camila Loureiro Trevisan*³
*Adriane Cristina Guerino*⁴

RESUMO: Os homicídios se mantêm como importante causa de morte na população brasileira. Entre todos os tipos de mortes por causas externas, como arma branca, agressões, acidentes de trânsito, a causa de morte mais freqüente é a por arma de fogo. Foz do Iguaçu é um município fronteiriço com a Argentina e Paraguai, possui cerca de 310 mil habitantes e é apontado como uma das dez cidades com maior índice de criminalidade do país. Os resultados deste trabalho mostram que 91,4% dos homicídios ocorridos em Foz, no período desses sete anos, foram por arma de fogo. Desses, a maioria do sexo masculino e na idade entre 21 a 30 anos. Essas mortes, provavelmente, sejam atribuídas ao crescimento do desemprego, somado ao crescimento da população e a impunidade.

PALAVRAS-CHAVE: homicídio, armas de fogo, Foz do Iguaçu.

ÁREA: Saúde Pública.

¹ Acadêmica do Curso de Biomedicina da Faculdade União das Américas – Uniamérica. E-mail: hellenvcoelho@gmail.com.

² Acadêmica do Curso de Biomedicina da Faculdade União das Américas – Uniamérica. E-mail: cicilianami@gmail.com

³ Farmacêutica Bioquímica formada pela Universidade Estadual de Londrina – UEL. Docente do Curso de Biomedicina da Faculdade União das Américas – Uniamérica. E-mail: camilaltrevisan@yahoo.com.br

⁴ Mestre e Doutora em Biologia Celular e Molecular pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Coordenadora do Curso de Ciências Biológicas e do Núcleo de Extensão, Pesquisa e Pós-Graduação da Faculdade União das Américas – Uniamérica. E-mail: adriane@uniamerica.br

INTRODUÇÃO

Homicídio, do latim *hominis excidium*, caracteriza-se pelo ato de uma pessoa matar outra, representando uma ocisão violenta de um homem injustamente praticada por outro homem. Nas últimas décadas, os homicídios se mantêm como importante causa de morte na população brasileira, observando-se o crescimento da mortalidade violenta e da criminalidade urbana em um cenário marcado pela ineficiência dos órgãos de segurança pública e pela crise dos sistemas judiciários e penitenciários (ADORNO, 1996).

Embora o número de mortes por causas externas, entre elas acidentes de trânsito, agressões físicas e homicídios por arma branca estejam aumentando gradativamente, a causa de morte mais abundante e em seqüência crescente de maior prevalência é a por arma de fogo, que assume proporção alarmante. A UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura), após estudos na área, revela que entre 1979 e 2003 as armas de fogo mataram 550 mil pessoas no oais, ou seja, 35 mil vítimas por ano ou 100 pessoas por dia.

A pesquisa foi realizada com base em dados do Sistema de Informações de Mortalidade, em que das 550 mil mortes, 205.722, ou seja, 44,1% foram de jovens na faixa de 15 a 24 anos. Considerando que os jovens representam 20% da população total, pode-se afirmar que, proporcionalmente, morrem mais do dobro de jovens vítimas de armas de fogo do que nas outras faixas etárias.

Estatísticas não correspondentes a um balanço formal relatam que 17 milhões de armas de fogo estariam em circulação no Brasil, conforme estimativa divulgada pela ONG Viva Rio. Dessas, 49% são legais; 28% seriam armas ilegais de uso informal e 23%, armas ilegais de uso criminal.

Foz do Iguaçu é um município brasileiro fronteiriço, cuja população estima-se em cerca de 310 mil habitantes, distribuída em uma área de 617,701 km². Segundo Ministério Público do Estado do Paraná – Procuradoria Geral de Justiça, a cidade é apontada como

uma das dez cidades com maior índice de criminalidade do país, demonstrando um progressivo aumento na porcentagem de ocorrências policiais ao longo dos anos. O alto índice de desemprego e a falta de policiamento são as principais razões que justificam a violência, causando prejuízos à sua principal vocação econômica, o turismo, debilitando a economia local.

Outro fator, não menos importante, que contribui para o elevado grau da violência, é a facilidade ao acesso às drogas e armas, grandes atuantes na demanda sobre crimes contra a vida, devido ao tráfico e contrabando. A problemática das drogas na cidade deve-se ao fato de o município ser a porta de entrada de drogas ilícitas vindas do Paraguai, refletindo, então, na alta criminalidade.

Porém, ainda não são totalmente claras as causas do crescimento dos crimes contra a vida por meio das armas de fogo. Ainda é necessário investir em informações que possibilitem resultados estatísticos.

As informações utilizadas para as análises estatísticas sobre a mortalidade por arma de fogo entre os anos de 2000 a 2006 no município de Foz do Iguaçu foram cedidas pelo IML (Instituto Médico Legal) da cidade. Os dados foram agrupados segundo o sexo das vítimas (feminino e masculino) e de acordo com a idade nos intervalos de 0 a 10 anos, 11 a 20 anos, 21 a 30 anos, 31 a 40 anos, 41 a 50 anos, 51 a 60 anos e acima de 61 anos. Os indigentes não foram classificados por faixa etária.

1 MORTALIDADE POR ARMA DE FOGO

A mortalidade no país cresce de modo gradativo e as taxas brasileiras sobre número de homicídios atualmente se encontram em segundo lugar na América Latina. A principal contribuição para esse tipo de delito e que contribui para esse aumento é a arma de fogo, sendo ela um atrativo, devido à sofisticação/inação ocorrida ao longo dos anos. O abuso da utilização desse instrumento aumenta a incidência de fatos violentos na sociedade. Hoje as armas de fogo são de fácil acesso e manipulação para a concretização do ato de matar (CARRIÓN, 1994).

Entre os anos de 2000 a 2006 ocorreram 1863 homicídios atendidos pelo IML do município de Foz do Iguaçu, dentre os quais 1703 (91,4%) foram causados por arma de fogo, os quais serão analisados neste trabalho. Das vítimas, apenas 91 (5,34%) eram do sexo feminino e 1612 (94.66%) do sexo masculino.

Do total de 1703 mortos por P.A.F. (Projétil de Arma de Fogo), no ano de 2000 verificou-se um total de 169 óbitos, sendo 162 do sexo masculino e 07 do sexo feminino. Já no ano de 2001 ocorreram 220 homicídios, 208 do sexo masculino e 12 do feminino. Em 2002 foram de 254 assassinatos, 244 do sexo masculino e 10 do feminino. No ano de 2003 a ocorrência foi de 220 óbitos, dos quais 202 do sexo masculino e 18 do sexo feminino. Em 2004 das 277 vítimas, 265 eram homens e 12 mulheres. Em 2005 o número de assassinatos foi de 255, 242 do sexo masculino e 13 vítimas do sexo feminino. Em 2006 o número total de mortes alcançou 308 homicídios, 289 do sexo masculino e 19 do sexo feminino.

Quadro 1 – Incidência do número das mortes por P.A.F. distribuídas entre os anos de 2000 a 2006 de acordo com o sexo.

ANOS	TOTAL	MASCULINO	FEMININO
2000	169	162	7
2001	220	208	12
2002	254	244	10
2003	220	202	18
2004	277	265	12
2005	255	242	13
2006	308	289	19
	1703	1612	91

Os indivíduos do sexo masculino foram predominantes como vítimas entre os anos de 2000 e 2006 com um total de 94,66%, uma vez que estão mais envolvidos na ilegalidade que gera violência.

Estes dados estão de acordo com Pereira (1995), pois relatam que na população brasileira existem 1,4 pontos percentuais a mais de mulheres do que de homens. Isso se dá pelo fato de os homicídios terem prevalência alarmante sobre o sexo masculino (PEREIRA, 1995).

Cordeiro (2001), ainda destaca que entre os homicídios ocorridos na região metropolitana de São Paulo num período de 20 anos, as vítimas em sua maioria eram adolescentes ou adultos jovens, sendo 92% deles do sexo masculino. O trabalho conclui que o aumento brusco dos homicídios violentos se dá a partir dos 14 anos.

O trabalho realizado por Gawryszewski (2005) observou a predominância acentuada de mortes no sexo masculino, somando 93,2% do total de mortes analisadas, onde a razão de risco para o este sexo é 15,4 vezes maior que o feminino.

Com um total de 1612 ocorrências de morte por P.A.F. em homens na cidade de Foz do Iguaçu entre os anos de 2000 e 2006, foi feita análise utilizando a idade como parâmetro. Os números indicaram um percentual de 38,83% (626) óbitos ocorridos no sexo masculino de idade entre o intervalo de 21 a 30 anos, o que está

em conformidade com as análises feitas pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (2001) que mostram um percentual de aproximadamente 45% nesta mesma faixa etária. Os demais intervalos apresentaram um resultado inferior. No intervalo de 0 a 10 anos ocorreram dois homicídios; de 11 a 20 anos, o número foi de 479 mortes pela causa; de 31 a 40 anos desce para os 255 assassinatos; de 41 a 50 anos 119 pessoas do sexo masculino chegaram a óbito pela mesma causa; de 51 a 60 anos a resultante foi de 40 homicídios por arma de fogo; acima de 61 anos apenas foram relatados 17 mortes pela mesma causa. Já o número de indigentes assassinados foi de 74 homens.

Quadro 2 – Coeficientes de mortalidade por arma de fogo do sexo masculino entre os anos de 2000 e 2006 atendidos pelo IML na cidade de Foz do Iguaçu

Variável por Idade e Indigentes	Número de Mortes	%
0 a 10	2	0,12
11 a 20	479	29,71
21 a 30	626	38,83
31 a 40	255	15,81
41 a 50	119	7,38
51 a 60	40	2,48
Acima 61	17	1,05
IG*	74	4,59
Total	1612	100

* IG: Indigentes constatados somente pelo sexo

O resultado feminino do total de 91 mortes por arma de fogo, percentual de 36,26%, se enquadrrou no intervalo de 21 a 30 anos de idade, mostrando que nessa idade realmente ocorre maior incidência. No intervalo de 0 a 10 anos não foi constatada nenhuma ocorrência, no intervalo de 11 a 20 anos relatou-se 28 homicídios por P.A.F., de 31 a 40 anos o número foi de 17, caindo para 04 no intervalo de 41 a 50 anos. Nas idades entre 51 e 60 anos 05 mulheres foram assassinadas, acima de 60 anos não houve registro nesses sete anos, e o número de indigentes levados a óbito pela causa foi de 04 mulheres.

Quadro 3 – Coeficientes de mortalidade por arma de fogo do sexo feminino entre os anos de 2000 e 2006 atendidos pelo IML na cidade de Foz do Iguaçu.

Variável por idade e Indigentes	Número de Mortes	%
0 a 10	0	0
11 a 20	28	30,76
21 a 30	33	36,26
31 a 40	17	18,68
41 a 50	4	4,39
51 a 60	5	5,49
Acima 61	0	0
IG*	4	4,39
Total	91	100

*IG: Indigentes constatados somente pelo sexo

Barata (1999) mostra que as taxas de homicídios são altas tanto para homens quanto para mulheres. Entretanto, o risco é de 12 a 19 vezes maior para homens conforme a faixa etária. Neste caso, os grupos mais afetados foram os homens de 20 a 29 anos, residentes nas áreas intermediárias ou periféricas da cidade de São Paulo no ano de 1995.

Gawryszewski (2005) relata que mais da metade dessas vítimas é formada por adolescentes e adultos jovens do sexo masculino, visto que homens na faixa de 15 a 29 anos concentram 56% do total dos homicídios. A idade que apresentou o maior número de óbitos, neste estudo, observada pelo autor, foi 19 anos.

Comparando os óbitos por arma de fogo com as demais causas violentas, as estatísticas demonstram que elas contribuem para a maior causa de homicídios em Foz do Iguaçu. Um total de 1703 (91,4%) casos dentre 1863 os homicídios ocorridos entre os anos de 2000 e 2006 atendidos pelo Instituto Médico Legal da cidade. Foz do Iguaçu, segundo estatística do IBGE no ano de 2000, mantinha o índice demográfico de 268.188 habitantes e um número de 169 homicídios por P.A.F.. No ano de 2006 também, através informações do IBGE, a população cresceu para 309.113 habitantes

acompanhando o número de mortes por P.A.F., que subiu durante esses anos para 308 assassinatos pela mesma causa.

Os anos de 2002, 2004 e 2006 foram os que apresentaram um maior pico de homicídios. Esses índices podem estar relacionados com a maior fiscalização da Receita Federal sobre a Ponte Internacional da Amizade que liga o município de Foz do Iguaçu - Brasil à Ciudad del Este - Paraguay, local de influência na economia da cidade, por gerar empregos informais. Os "laranjas", pessoas que trazem mercadorias sem declará-las, são grandes contribuintes para o contrabando, porém o aumento da fiscalização neste local gerou desemprego que culminou em uma violência notória e não conseguiu atingir a diminuição do contrabando.

A Secretaria de Segurança Pública do Paraná pôde evidenciar o crescimento demográfico da região. No entanto, não ocorreu uma ação conjunta dessa explosão demográfica em relação à disponibilidade de empregos, gerando um desnivelamento em ambos os fatores.

Estudos afirmam e ressaltam a atenção para a existência de diferenciais intra-urbanos em relação à violência, uma vez que as taxas mais altas são encontradas nos grupos de condições e aspectos sócio-econômicos desfavoráveis. A falta de empregos e oportunidades parece favorecer a escolha pela marginalidade. Fato este que deveria ser analisado pelas autoridades competentes, para que esse número não continue crescendo de forma indiscriminada (SWARCWALD, 1999).

Autores concordam ainda que os altos índices de homicídios por P.A.F. estejam relacionados, principalmente, com o narcotráfico, e processos socioeconômicos e demográficos mais gerais, como desigualdade de renda, crescimento populacional, aumento da pobreza e escolaridade precária.

Foz do Iguaçu possui todos os agravantes citados, justificando a incidência de grande número de homicídios por arma de fogo.

CONCLUSÃO

Os dados obtidos só vieram corroborar a literatura que mostra o alto índice de homicídios por arma de fogo. Foz do Iguaçu não se encontra fora das estatísticas que confirmam esses dados.

Foi possível concluir que realmente há um predomínio marcante de vítimas entre a faixa etária de 21 a 30 anos em ambos os sexos, provavelmente pelo fato de que os adultos jovens representam a maior parcela de desempregados no país. Sobre tais resultantes acredita-se que a autoria dessas proporções vem do aumento da rigorosidade na fiscalização aduaneira dificultando o “comércio” e contribuindo para o desequilíbrio sócio-econômico de parte da população ativa da cidade de Foz do Iguaçu.

Também se conclui que o instrumento mais utilizado para causar um homicídio é a arma de fogo, talvez pela facilidade da compra ilegal de armas na triplíce fronteira.

A incidência de homicídios vem aumentando de modo gradativo no decorrer dos anos estudados neste trabalho, provavelmente correlacionada ao aclave do desemprego somado ao crescimento da população e à impunidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARATA, R.B et al. Desigualdades sociais e homicídios em adolescentes e adultos jovens na cidade de São Paulo em 1995. **Rev. Brasileira de Epidemiologia**, São Paulo, v. 2, n. 1-2, 1999.
- CARRIÓN M., Fernando. De la violencia urbana a la convivencia ciudadana. ciudad y violências en América Latina. **Serie Gestión Urbana**. Quito: PGU/ONU, 1994. v. 2.
- CORDEIRO, R.; DONALISIO, M. R. C. Homicídios masculinos na região metropolitana de São Paulo entre 1979 e 1998: uma abordagem pictória. **Cadernos Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 17 n. 3, 2001.
- GAWRYSZEWSKI, V.P. et. al. Informações sobre homicídios e sua integração com o setor saúde e segurança pública. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v. 39, n. 4, 2005.
- MARINHO, F. C. et al. Conglomerados de homicídios e o tráfico de drogas em Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil, de 1995 a 1999.

Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 17, n. 5, p. 1163-1171, set./out. 2001.

MELLO, M. H. P. Mortalidade por causas violentas no município de São Paulo, Brasil: IV- A situação em 1980. **Revista Saúde Pública**, São Paulo, v. 16, n. 1, 1982.

PEREIRA, Maurício Gomes. **Epidemiologia teoria e prática**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1995.

SANT'ANNA, A. et al. Homicídios entre adolescentes no Sul do Brasil: situações de vulnerabilidade segundo seus familiares. **Caderno Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 1, p. 120-129, jan./fev. 2005.

SCARLAZZARI, L. C.; GAWRYSZEWSKI, V. P. Homicídios e desigualdades sociais no Município de São Paulo. **Revista Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 39, n. 2, p. 191-7, 2005.

SOUZA, E. R. Homicídios no Brasil: o grande vilão da saúde pública na década de 80. **Caderno Saúde Pública**, Rio de Janeiro, n. 10, p. 45-60, 1994.

SZWARCWALD, C. L. et al. Desigualdade de renda e situação de saúde: o caso do Rio de Janeiro. **Caderno de Saúde Pública**, v. 15, n. 1, p. 15-28, 1999.

SZWARCWALD, C. L.; CASTILHO, E. A. Mortalidade por armas de fogo no Estado do Rio de Janeiro, uma análise espacial. **Revista Panamericana de Salud Pública**, v. 4, n. 3, p. 161-170, 1998.

ZALUAR, A.; NORONHA, J. C.; ALBUQUERQUE, C. Violência: pobreza ou fraqueza institucional? **Caderno Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 10 (supl. 1), p. 213-217, 1994.

ADORNOS, S. Racismo, criminalidade violenta e justiça penal: réus brancos e negros em perspectiva comparada. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n.18, p.14-36, 1996.